

## O VISÍVEL E O INVISÍVEL DO NOSSO AMOR

### DENISE MENDES GOMES

*Psicóloga, terapeuta individual, de casais e famílias.*

*Mestre e doutora em psicologia social pela USP  
Formadora no Instituto Sistemas Humanos.  
demegomes@yahoo.com.br*

**O** artigo de Maria José Lima (2014) sobre *o viver em família na contemporaneidade* me levou a refletir sobre os processos de construção da reciprocidade e da colaboração numa família. Deslocou-me para o centro de algumas cenas de convivência familiar de que tomei parte e me fez recordar de relatos que vivenciei na clínica com famílias em que via serem tecidos os nós da reciprocidade através dos fios da colaboração.

Meu filho está me pedindo para eu contar uma história do dia em que eu arrumei toda a casa para minha mãe. Acho que ela estava doente, não sei... É que nós, eu e minhas irmãs, dividíamos a limpeza da casa. Mas, um dia, num domingo, minha mãe havia saído para trabalhar e nós ficamos em casa. Minhas irmãs ficaram assistindo televisão, estava passando um filme que elas estavam achando muito interessante. Eu pensei que minha mãe já ia chegar em casa muito cansada e ia ter todo aquele trabalho. Então, eu arrumei toda a casa. Arrumei a sala, a cozinha, deixei o almoço pronto, lavei toda a roupa, estendi a roupa, arrumei o nosso quarto, meu e das minhas irmãs, arrumei o quarto da minha mãe e, no final, eu estava exausta! Então, deitei na cama da minha mãe. Quando ela chegou, ela ficou surpresa, pois, achava que teria que fazer todo aquele trabalho. Então, ela perguntou quem tinha feito tudo aquilo. Minhas irmãs nem responderam. Ela foi lá dentro e me perguntou se eu é que tinha feito tudo aquilo. Aí, ela deitou em cima de mim e me deu um abraço. Ela não era de dar abraço, mas ela não parava de me abraçar. Acho que ela ficou, mesmo, muito feliz. Foi uma coisa que eu nunca esqueci. Minha mãe era mais seca. E ela dizia: “Filha, obrigada! Eu pensei que ia ter que fazer tudo... Obrigada, filha!” Aí, eu falei para meu filho: “O meu cansaço sumiu, porque quando a gente ajuda, a gente fica feliz” (Gomes, 2003).

Na citação acima, vemos uma mãe relatando às terapeutas, a pedido de seu filho, um momento marcante em sua vida, quando ela recebeu demonstrações de afeto de sua mãe após ter realizado os serviços domésticos. Ela valoriza este afeto e ressalta que não era costumeiro. Ficou gravado em sua alma. Ela diz ao filho que ficou tão feliz por ter ajudado sua mãe que seu cansaço sumiu. Mas deixa transparecer que as demonstrações de afeto de sua mãe agradecida também a deixaram muito feliz. Vemos que sua história não é inocente, tem uma direção. Ela gosta de ensinar ao filho que a colaboração alimenta a reciprocidade. Gosta de dizer ao filho que ele colhe o que planta na relação com ela.

Qual a direção que o filho teria apontado com esta história? Pedro, de 7 anos, vinha levando repetidas surras por seu comportamento agressivo com professores e colegas de sala de aula. Os pais, muito cuidadosos e preocupados com o filho, demonstravam carinho e afeto, mas apoiavam-se na Bíblia para realizar os ensinamentos através da “vara”, no que eram exaltados pelo orientador da escola. Este menino ouvia a preocupação de seus pais como legítima. Havia momentos de de-

monstração de afeto. Seus pais falavam baixo e explicavam com calma que ele não podia agir assim. Mas, para que ele parasse de desprezar professores e agredir os amigos, eles batiam nele com vara. Ele podia conectar-se com a tristeza de sua mãe quando não recebia o afago de sua própria mãe. O final feliz desta história, o abraço da mãe e a alegria da filha, talvez, dessem voz a seu desejo. Seria esta a direção a que ele apontava?

Em seu artigo “planejamento social e o conceito de deuteroprendizagem”, Gregory Bateson (Bateson, 1999, pp. 160-161) nos diz que “precisamos olhar para a direção e os valores implícitos nos *meios que utilizamos*, mais do que olhar à frente para a meta e pensar se esta meta justifica ou não os meios manipulativos. Precisamos encontrar o valor de um ato planejado *implícito e simultâneo a este ato*, não separado dele no sentido de que o ato deveria derivar seu valor com referência a um futuro fim ou meta” (Minha tradução, meus grifos).

Penso que Pedro conhecia estas ideias de Bateson. Talvez, pedindo esta história à mãe na presença atenta do pai, ele pedisse aos pais que refletissem sobre o que eles ensinam quando ensinam através de agressões a seu corpo. Sem saber (que sabe) que ele aprende com a forma através da qual é ensinado, ele recorda a importância de um abraço e de um elogio no aprendizado: a forma de cuidar fazendo diferença sobre o conteúdo do ensinamento.

Bateson nos alerta sobre nossos vícios de pensamento, muitas vezes, lineares. Mas: e se nosso modo de aprender não for, assim, tão linear? Ele nos conta que, pelo que observou nos processos de comunicação e aprendizado envolvendo mamíferos, a forma com que fazemos as coisas permite aprender sobre a ética relacional, permite aprender valores. Aprendo que a “vara” é um importante meio de relacionamento, pois, meus pais me ensinam usando este método, pois, está no livro dos ensinamentos sagrados. Como posso sentir confirmada minha existência e a do outro em minhas relações quando o que é esperado de mim é o oposto da maneira como sou tratado?

Nossa pergunta é sobre como ensinar que a colaboração e a reciprocidade são valores esperados. Lima (2014) nos alerta que o individualismo e a falta de companheirismo entre irmãos e entre pais e filhos pela pouca convivência e pelo acúmulo de atividades em que todos estão envolvidos acarreta uma dificuldade no desenvolvimento destas emoções. Ela ressalta que a família vive, hoje, a exacerbação do paradoxo sobre o qual, segundo Féres-Carneiro, Pinciano e Magalhães, a família está fundada: o dever de “preservar a hierarquia e, concomitantemente, criar sujeitos livres, iguais e autônomos” (2007, *apud* Lima, 2014, p. 88).

Paradoxalmente, porém, a família também se funda em um outro paradoxo: promover a autonomia e independência de seus membros a partir do pertencimento e dependência do indivíduo em relação a um grupo de referência (Singly, 2007). Na vida adulta, cresce cada vez mais o dilema entre a busca por relações mais frouxas e livres de vínculos reguladores (hierarquia) e a necessidade, sempre urgente, de referências afetivas permanentes e provedoras de um espaço de intimidade.

De que forma o aumento do individualismo em nossa sociedade afeta a solidariedade familiar? Se nos constituímos no diálogo, que tipo de intimidade está sendo vivida no interior das famílias? Seria correto supor o enfraquecimento dos laços familiares e a diminuição da importância da família como rede de apoio ao longo do ciclo vital?

Nossas pesquisas (Gomes 2001, 2003, 2008 e 2011) apontam na direção da importância da família como rede de apoio social ao longo de todo o ciclo vital, com intensa solidariedade entre seus membros e aumento da intimidade através da introdução crescente de assuntos e temas compartilhados em comparação com o que ocorria em gerações que nos sucederam. Muitos assuntos considerados “tabu” na relação entre meus pais e meus avós hoje são abertamente assuntados entre eu e meus filhos.

No exemplo de Pedro, a família se mobilizou em função do problema de comportamento apresentado pelo filho caçula, fortalecendo os laços de solidariedade, ampliando a rede de apoio, incrementando a intimidade entre seus membros e incluindo assuntos novos em seus diálogos.

Considero as noções de reciprocidade e cooperação emoções fundamentais. Colaborar e agir com reciprocidade são modos de prontidão para a ação. Desta forma, segundo Maturana (1998), poderiam caber dentro da grande palavra emoção. Como, então, *emocionar-se* colaborando e agindo em reciprocidade?

Nosso arcabouço cultural prioriza a relação de competição e submissão de uma das partes da relação. Pedro ficou confuso quando foi subjugado e esperaram dele colaboração. Em nossa história, na sociedade ocidental, a valoração está na competição, na força, no poder sobre o outro e na propriedade. Pedro estava aprendendo bem a lição de competir e lutar pelas coisas com seus amigos. O desafio enfrentado pela família e pelo sistema terapêutico foi: permitir que uma nova forma de relação contribuísse para uma nova forma de ver e agir. Na medida em que os pais de Pedro encontraram uma forma alternativa para lidar com a agressividade do filho, Pedro pode fazer da reciprocidade e da colaboração emoções presentes em sua vida. Para tanto, criamos um espaço horizontalizado de trocas de brincadeiras e histórias onde todos aprendiam uns com os outros.

Acredito que as noções de reciprocidade e cooperação são emoções fundamentais na medida em que legitimam o lugar do outro e estabelecem a horizontalidade na relação. Acredito que existimos ao acontecermos no encontro com o outro e com o si mesmo. Acredito em uma ética relacional horizontal onde todos precisam ser ouvidos, onde todos os envolvidos contribuem com seu valor e sua autoria para o que está sendo compartilhado. Acredito que, para ensinar reciprocidade, precisamos agir com reciprocidade. Para ensinar colaboração, precisamos ser colaborativos.

## REFERÊNCIAS

- Bateson, G.** (2000). Social Planning and the Concept of Deutero-Learning. In: G. Bateson. *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
- Gomes, D. M.** (2001). Relações entre mitos religiosos e mitos familiares. In: A. G. Marilene (Org.). *Terapia e justiça social: respostas éticas a questões de dor em terapia*. São Paulo: Associação de Terapia Familiar.
- Gomes, D. M.** (2003). – *Itinerário de crenças no tecer de redes sociais familiares: relações entre mitos religiosos e mitos familiares em famílias adventistas do sétimo dia*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, São Paulo.

- Gomes, D. M., Bruscahin, C., Sávio, A., Fontes, F. (Org.)** (2008). *Religiosidade e psicoterapia*. São Paulo: Roca.
- Gomes, D. M.** (2011). Tutores de resiliência na família. In: L. C. Osório, & M.E.P. Valle. *Manual de terapia familiar volume II*. São Paulo: Artmed.
- Lima, M. J.** (2014). Viver em Família na Contemporaneidade. *Nova Perspectiva Sistêmica*. (pp. 88-99). Rio de Janeiro.
- Maturana, H.** (1989). *Emociones y lenguaje en educacion y política*. 4a. Ed. Santiago de Chile: Hachete.
- Singly, F.** (2007). *Sociologia da família contemporânea*. 6a. edição. Rio de Janeiro: Editora FGV.